

Citação Comentada

Do sintoma que fala ao sintoma que se escreve: comentários sobre algumas passagens do livro “O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo”, de Éric Laurent

TATIANE COSTA

O sintoma histérico fala, trazendo sua verdade enlaçada na relação com o Outro. “Ele supõe no horizonte, segundo Freud, a identificação e, no fundamento desta, um amor primeiro, o amor do pai, como laço ao Outro. Ele também se articula ao Dois.” (LAURENT, 2016, p. 45).

Mas, como observa Éric Laurent, seguindo as trilhas de Lacan, também é necessário pensar em como falam os corpos aquém do sintoma histérico, questionando, para isso, “como o sintoma do *Um-sozinho* (*Un-tout-seul*), que não fala, pode passar ao estatuto de sintoma articulado ao Outro, articulado ao Dois” (LAURENT, 2016, p. 45).

Para avançar nessa direção, é preciso, pois, dar um passo a mais, a fim de realizar-se uma passagem: do “sintoma que fala” ao “sintoma que se escreve em silêncio”. Nas palavras de Laurent (2016, p. 46):

Essa passagem é necessária em nome da experiência do próprio tratamento analítico. No fim de longas análises, constata-se efetivamente que o sintoma não se desvanece depois de ter sido interpretado por múltiplos efeitos de sentido sucessivos. Há restos sintomáticos em que se desvela a *forma lógica fundamental do sintoma* como o que se escreve sobre o corpo e não fala, não passa pela experiência de fala, pois deixa de interessar-se pelo sentido. Essa estrutura desvelada no fim da experiência deve ser considerada primeira. É ela que Lacan encontra, a céu aberto, em Joyce – que está diretamente conectada com seu gozo (...). Como a experiência analítica é também experiência de fala, poder-se-ia dizer que ela, de início, situa o sujeito em posição de fazer falar seu sintoma. Uma vez dado o passo lacaniano, o sintoma se limita a uma pura escrita sobre o corpo, ele não fala.

Escrever o corpo pode ser, assim, uma forma de acolher esses restos sintomáticos que insistem e que não se traduziram pela via da fala ao longo dos anos de uma análise. Escrever o corpo pode ser, ainda, uma forma de captar as ressonâncias de *lalíngua* sobre ele.

Referência bibliográfica:

LAURENT, Éric. *O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.